

Resenha:
Flores artificiais, de Luiz Ruffato

Gabriel Villamil Martins¹

O “buquê de flores artificiais” que Luiz Ruffato nos oferece em seu romance é um presente que, pelo próprio fato de não ser natural, causa desassossego e perturbação no leitor que recebe a surpresa diante da porta de seus olhos. Essas flores artificiais foram colhidas, segundo o autor, no campo dos relatos que um seu conterrâneo – Dório Finetto, engenheiro e consultor do Banco Mundial – lhe envia sob forma de cartas, talvez sem muito acreditar que, algum dia, suas “Viagens à terra alheia” pudessem vir a ser realmente publicadas em livro. “Dou inteira liberdade para o que decidir” – diz Finetto, na carta de abertura – “Até mesmo para simplesmente jogar tudo no lixo” (p. 14). Ao que Ruffato esclarece: “Talvez por sermos conterrâneos, e contraparentes, acabei aceitando o inusitado encargo.” (p. 10). Expliquemos: a artificialidade de tudo consiste na publicação de tais relatos, pois as histórias narradas por Finetto (que, por sua vez, as ouvira de terceiros) foram adaptadas, no gosto e no estilo, por Luiz Ruffato, que julgava portarem “um distúrbio irremediável, o tom excessivamente relatorial” (p. 10).

A transposição das histórias para uma linguagem literária causa não raro desconfiança no leitor. Não tanto pela forma do texto em si, mas pelo que de literário as experiências supostamente reais da vida de Finetto trazem em profusão a cada história. A sobreposição de vozes que constituem as narrativas, isto é, o fato inicialmente relatado a Finetto, deste a Luiz Ruffato e, finalmente, de Ruffato ao leitor, confunde profundamente as fronteiras entre o encantamento literário e a realidade literária escondida nos fatos concretos da vida real. Mas, ainda que sob o peso dessa desconfiança (que questiona e inquirir sobre a veracidade das histórias), quem ousaria dizer jamais ter sido surpreendido, em sua vida tão cotidiana, pela irrupção de um acontecimento digno dos relatos mais romanescos? Quem seria capaz de – supondo que somos honestos – afirmar que em momento algum foi magicamente arrebatado pela recitação de uma simples história, narrada por lábios tão humanos quanto os nossos? E ainda, quantos não admitiriam, no íntimo da dor oculta em sua memória, terem sido apanhados desprevenidos pela violência e a selvageria humanas que produzem hiatos e vales sinistros em suas recordações?

Esses momentos, pouco prosaicos para a realidade, ainda que talvez comezinhos demais para a literatura, acabam, em *Flores Artificiais*, por ser renovados nas narrativas: são oito relatos, reunidos cada qual sob um título particular, sendo justamente “Uma história inverossímil” o primeiro deles. Trata-se da biografia de Bobby, um matador de ratos – quase indigente – que Finetto, quando ainda estudante, encontra nas ruas de Juiz de Fora durante um inverno e com quem acaba mantendo conversas com certa frequência. De posse de algumas informações biográficas de Bobby, o narrador propõe-se reconstituir sua biografia, advertindo-nos, desde o início, de que se trata de compor uma história sobre a qual fora necessário construir algumas “pontes pênseis”, dado que a composição se dá sobre relatos esparsos.

Ao longo da narrativa, ficamos sabendo que Robert (Bobby) William Clarke nasceu em Southampton, cidade localizada ao sudeste da Inglaterra. Sabemos ainda que, pouco

1 Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio

após seu nascimento, sua família muda-se para Paranapiacaba, onde seu pai, engenheiro, ficara encarregado da manutenção da estrada que partia do porto de Santos rumo ao interior do estado, adentrando as fazendas de café. Daí em diante, Bobby embrenha-se em inúmeras peripécias, tanto no Velho como no Novo Mundo. Mas a estrada que constrói é feita essencialmente de decepções e amarguras: cedo, o pai deixa a família e jamais é reencontrado. A mãe adoece e é internada em um hospício. Bobby participa de guerras e tem uma perna ferida e debilitada para o resto de sua existência. O único momento em que poderíamos, não sem presunção, chamar de oásis de felicidade da personagem – um casamento aparentemente bem sucedido com uma brasileira –, é arruinado por sua desconfiança e sua agressividade. O destino de Bobby, malgrado tantas peripécias, é uma morte anônima e o enterro em uma cova rasa em Juiz de Fora.

Cada personagem dos relatos tem uma história trágica a contar. Isolados em território estrangeiro ou eternos viajantes (é o caso do próprio Finetto), as lembranças de suas dores são o próprio caminho que repisam com insistência. Pela leitura das histórias, diríamos que a dor, e nenhuma outra, é a pátria universal da humanidade: guerras, ambições, calúnias, miséria, traições e mesmo a própria beleza são o solo agreste em que caminham os protagonistas. Sempre deslocadas no mundo, sempre apartadas de sua terra natal, ou em busca de algum lugar para finalmente marcarem o fim de sua amarga existência, cada voz ressoa como lamento e incompreensão da vida. Mesmo a história de Finetto parece um eterno suplício: ele sente o tempo que passa e a incompletude de sua vida sem família, sem filhos, sem esposa ou, como ele mesmo registra diversas vezes, sem pessoa alguma que lamente sua morte.

É interessante notar, entretanto, o lado cômico de algumas passagens, apesar do tom trágico. Muitas vezes, o riso surpreende através de um chiste linguístico, quando uma personagem confunde palavras e quer pegar uma cerveja no frigorífico – em vez de frigar, ou quando, em francês (idioma que aparece seguidas vezes ao longo do livro), há algum trocadilho envolvendo palavras muito semelhantes, mas que, em sua diferença, acabam modificando toda uma frase. Mas a comicidade surpreende mais naquilo que é próprio das piadas e do riso: o lado sádico de quem ri e o humor negro das anedotas. Estamos falando de uma impressão que reverbera no leitor como possível efeito de sentido secundário às narrativas.

Um excelente exemplo é a segunda história do livro, “Uma tarde em Havana”, em que Finetto inicia conversa com Nadia, uma moça que lhe revela ser prostituta, ainda que esteja bastante inquieta com o fato de poder ser descoberta. Suas atitudes são imaturas e denunciam a constante necessidade de valorização da beleza física. Nadia fala muito em casamento e critica os espanhóis e italianos, que “só querem *jarana*” (farrá, bagunça). Ela e Finetto apreciam as ruas da cidade em um passeio que dura até o anoitecer e, a um dado momento, Nadia o convida para entrar em uma casa no subúrbio, onde se encontram o homem que explora seu trabalho e a dona do local. Surpreso e deprimido pela condição e o estado físico da moça – “Ela jogou-se no colchão, pretensamente lasciva, a pele magoada, marcas vermelhas e roxas de outros encontros” (p. 99) –, Finetto lhe dá todo o dinheiro de que dispunha e retorna ao hotel de onde haviam partido aquela tarde.

O relato acaba com uma reflexão do narrador sobre sua própria vida: “Quando, sem fôlego, voltei à tona, era apenas destroços, um homem que avançava célere para os sessenta anos e sabia que não ocupava o pensamento de nenhuma pessoa em lugar algum do mundo” (p. 100). Esse desfecho, embora doloroso, faz-nos refletir sobre quem, afinal, é mais infeliz e está mais entregue ao acaso. A moça é jovem (tem 24 anos), é prostituta, mas procura

casamento com um homem que a ame, Finetto é velho e tem a certeza de que morrerá sem ninguém para lamentar sua perda.

Situação quase anedótica acontece também em “A perna”, em que Anka, a proprietária de um hotel da cidade de Nordersted (Alemanha), conta como ficara manca de uma perna e como fora obrigada pela mãe a abandonar a muleta e disfarçar o defeito: por volta dos sete ou oito anos, brincava sozinha à beira de um riacho quando a muleta, por descuido, cai na água e é levada pela correnteza. Anka caminha trôpega em direção a casa, enquanto inventa uma história para convencer a mãe de que não fora culpada do incidente: “Ao chegar, contei, toda séria, que Jesus havia aparecido para mim perto do bosque, mandando que jogasse fora a muleta, porque se tivesse fé ficaria sarada” (p. 107). A mãe lhe dá um violento tapa no rosto e a espanca com uma tala de couro, exigindo que, dali para a frente, Anka ande direito, pois a considerava curada.

Esses pequenos ou médios relatos, ambientados onde quer que seja, tratando de não importa qual personagem, encerram docemente a lição do sofrimento humano, em histórias que se repetirão ininterruptamente, a perder de vista no horizonte do tempo. A epopeia simplória das vidas de personagens expatriadas, ou eternos viajantes que não têm para onde regressar, é transplantada das palavras que saem de suas bocas, integram as cartas de Finetto e, finalmente, transmutam-se nas flores artificiais de Luiz Ruffato. As narrativas que temos em mãos – incluindo a própria história de Finetto, que é depreendida e “cifrada” a partir de suas cartas – são, afinal, gotas ácidas da desesperança e da monotonia do mundo, tragáveis graças ao trabalho de aplainamento da literatura. Essas “Viagens à terra alheia” são, na verdade, uma só e mesma incursão sem volta à já conhecida senda das misérias humanas e à finitude da existência, frágil ampulheta frente ao destino irremediável.

Luiz Ruffato. *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.